

SITUAÇÕES LINGUAGEIRAS FAVORECEDORAS DA DIFUSÃO DO PORTUGUÊS: A ÁFRICA NA HISTORIOGRAFIA LINGÜÍSTICA BRASILEIRA

Ana Stela CUNHA

Departamento de Lingüística / USP

André P. BUENO

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas / USP

Resumo: Dos poucos dados que dispomos hoje sobre a presença e usos de línguas africanas em terras brasileiras a maioria se encontra em textos de historiadores, cronistas, viajantes e missionários através de autores e obras como História da Companhia de Jesus no Brasil (1531), Frei Vicente do Salvador (1627), Saint-Hilaire (1820), entre outros. Assim, o trabalho tem o objetivo de trazer à discussão a presença negro-africana na constituição do português do Brasil e a ausência de documentação referente ao tema, propondo, então, outras formas de se reconstruir a sócio-história da língua senão apenas através da escrita. Buscam-se então referências da história oral e da etnomusicologia, a partir de pesquisas de campo em andamento.

Palavras-chaves: Português popular do Brasil; documentos orais; terras de preto; bumba-boi; etnomusicologia

Introdução

A forte presença das línguas negro-africanas em território brasileiro ainda não encontrou o lugar devido de sua importância na constituição da língua portuguesa como um todo e em especial na sua variedade popular, difundida pela oralidade.

Essa lacuna nos estudos lingüísticos vem sendo paulatinamente preenchida e pode mesmo ser compreendida por razões histórico-sociais, sobre as quais nos debruçaremos logo

adiante, dando assim um breve panorama da presença da África na Historiografia Lingüística brasileira, sobretudo através de escritos de cronistas, viajantes e missionários.

Um segundo momento deste texto será o de se tratar da presença, transformação e modos de manutenção de línguas negro-africanas no Brasil através da sincronia. Neste sentido, buscaremos contribuir para a melhor compreensão da constituição daquilo que convencionamos chamar de português popular do Brasil (PPB) através do conhecimento das línguas que aqui chegaram e se modificaram, guardando vestígios através de ritos, brincadeiras e danças, restritas neste texto a um espaço geográfico do Brasil, a Baixada Ocidental maranhense, porção oeste do estado do Maranhão, nordeste brasileiro.

De tal modo, este trabalho partirá de um conhecimento da Historiografia Lingüística para em seguida traçar considerações a respeito da importância desta para a perspectiva daquilo que produzimos hoje enquanto ciência, no que concerne à África e suas influências em espaço brasileiro.

1. A África na Historiografia Lingüística Brasileira: ausência de documentos escritos, abundância de dados orais

Embora saibamos que nenhuma língua negro-africana seja falada¹ hoje, no Brasil, sabemos, através dos poucos documentos escritos a respeito da presença maciça de africanos em nossas terras, que houve época em que tais falares eram praticados e certamente exerciam a função de língua veicular em locais específicos, tais como parte do nordeste brasileiro e a região dos minérios, como Minas Gerais, ou mesmo em algumas áreas parcialmente isoladas da zona rural, local de refúgio e constituição dos chamados “quilombos”.

¹ Por língua “falada” entenda-se qualquer língua natural, em contextos sociais de comunicação, o que exclui, portanto, as “línguas” utilizadas em ritos religiosos, já cristalizadas.

Nenhuma área do conhecimento experimentou mais dificilmente a ausência de documentação relativa à presença dos diversos e abundantes grupos africanos que aqui viveram do que a Lingüística, devido sobretudo ao seu objeto mesmo de estudo – a linguagem.

Tal fato fica evidente quando olhamos para as demais áreas das ciências humanas, como a História, a Antropologia e mesmo a Arqueologia, e nos deparamos com um conhecimento razoável do cotidiano das populações escravizadas em período colonial: as relações sociais, a hierarquia entre as classes, a culinária, os ritos e festividades, de cunho religioso ou não, entre tantas outras manifestações de origem africana. No entanto, pouco sabemos sobre as línguas faladas por tais povos: qual seu alcance, se teria realmente havido a formação de uma língua crioula em alguns espaços sociais específicos, proveniente de uma língua franca comum a vários povos, numa situação de emergência, falantes de mais de uma centena de línguas distintas, das mais variadas famílias lingüísticas.

A destruição de documentos históricos relativos à escravidão brasileira, determinada pelo Ministério da Fazenda em circular número 29 de 13 de maio de 1891, acabou por privar a Historiografia brasileira de uma série de dados importantes a respeito do universo negro-africano, legando aos jesuítas, missionários e viajantes grande parte da pouca informação que temos hoje a respeito de tais povos durante o período colonial. Neste sentido, algumas missões foram de fundamental importância para a preservação de textos escritos, tais como as missões jesuíticas, que tiveram seus primeiros colégios fundados em Piratininga (1554) e na Bahia (1556) tendo como principais funções *a educação dos pagãos e leigos e o treinamento de missionários* (Eisenberg, 2000:131).

Quando escravos africanos foram trazidos para o Brasil, os portugueses passaram a chamá-los de “negros de Guiné”, diferenciando-os assim dos “negros da terra”, já que para os missi-

onários os nativos do Novo Mundo se assemelhavam mais ao tipo humano proveniente da África do que aos habitantes da Ásia.

Os jesuítas, ainda que tenham se ocupado largamente da doutrinação aos “gentios tupis”, quando residiam em regiões cuja densidade populacional de negros ultrapassava a de brancos (como no caso da Bahia do século XVII), não tinham como ignorar a realidade lingüística. Assim, dos dados escritos de que dispomos, muitos deles foram trazidos por missionários, como *Arte da língoa de Angola, e oferecida a Virgem Senhora N. do Rosário, Mãe e Senhora dos mesmos Pretos, pelo P. Pedro Dias da Companhia de Jesu*. A obra data de 1697 e foi escrita pelo jesuíta Pedro Dias, em Salvador, Bahia.

Trata-se de uma gramática da língua quimbundo, a primeira gramática sistemática dessa língua. Destinava-se a facilitar o trabalho dos jesuítas que lidavam com os negros, com o objetivo de facilitar-lhes o aprendizado dessa língua. Esse trabalho testemunha o emprego corrente naquela época de uma língua africana, o quimbundo, pelos escravos oriundos de Angola. (Petter, 2002:125).

Bonvini (2002) arrola ainda a presença de outras três obras tratando de línguas negro-africanas no Brasil, ainda que não mais produzidas por missionários. São elas: *Língua Geral de Minna, traduzida ao nosso Içdioma, por Antônio da Costa Peixoto, Curioso nesta Sciencia e Graduado nesta mesma Faculdade*, obra que data do século XVIII (1731-1741). As outras duas obras foram escritas no século XIX e revelam a existência de um plurilingüismo no Brasil: o *Atlas ethnographique du globe*, de Adrian Balbi (1826), trazendo uma *lista de palavras de três línguas do grupo banto: “masanja”, “tzochoambo” e “matibani”* (Petter, 2002:126) sendo a outra obra de Nina Rodrigues (1890), a qual traz *um quadro sinóptico de 120 palavras de cinco línguas africanas, faladas ainda correntemente em sua época, na Bahia: “grunce” (gurunci), “jeje” (mai?)*

(ewe-fon), “haussá”, “kanuri” e “tapa” (*nuri*)[(*nupe*)?]
(Petter,2002:126).

Outras informações a respeito da realidade lingüística africana no Brasil foram posteriormente levantadas por Alkmin (2001) através das seguintes fontes: Serafim Leite (1938) em *História da Companhia de Jesus* (vol I, Lisboa), informando que em 1531 os africanos queriam que os jesuítas lhes falassem em português (apud Silva Neto, (1950), p 38). A autora levanta assim dados de reprodução de língua negro-africana aqui falada também na obra de Frei Vicente de Salvador, em sua *História do Brasil*, de 1627, em que o autor reproduz a seguinte fala de um negro: *Não retira não, sipanta, sipanta* (Silva Neto, 195, apud Alkmin, 2001:321) além de dados de viajantes como Saint-Hilaire (1820), Rugendas (1823) e Schilichorst (1824).

Assim, desde o século XIX até meados do século XX o que se verificava no Brasil era o registro das palavras do português do Brasil (PB), provenientes de línguas africanas, sempre associado à reivindicação da identidade de uma língua nacional:

Embora fossem ‘termos estrangeiros’ do ponto de vista do português europeu, constituíam, na perspectiva brasileira, ao lado dos indigenismos, os brasileirismos, e contribuía com sua parcela de originalidade para a defesa do argumento da autonomia do português do Brasil. As unidades lexicais de origem africana e indígena passam a ser percebidas como autóctones pelos defensores do PB. (Petter, 2002)

Esse quadro de observação lingüística só começa a mudar a partir, sobretudo, do início do século XX, com trabalhos como os de Mendonça (1933) e posteriormente os de Pessoa de Castro (1968, 1978,1980,1998), e mais tardiamente através da publicação de trabalhos de campo em comunidades remanescentes de quilombos: Vogt & Fry (1996), Queiroz (1996), Luchesi

(2001), Cunha (2003), entre outros. Não pretendemos levantar aqui a Historiografia da Lingüística africana no Brasil, não somente por ser este ainda um trabalho em andamento, mas sobretudo por ter sido devidamente tratado por Petter (1998,2002) e Bonvini (1996a,1996b, 1997,1998).

2. O *corpus* sob análise

Buscando compreender e explicitar a presença anterior de línguas negro-africanas no Brasil, observaremos a língua em uso na sincronia, em situações e localizações geográficas específicas: primeiramente nas manifestações de brincadeiras de boi, através do Boi de Guimarães, em sotaque de Zabumba, estilo considerado em todo o Maranhão como referência de origem (Bueno, 2001). Posteriormente a língua em uso na comunidade de Damásio, remanescente de quilombo, ou “terra de preto”, situada também no município de Guimarães, Baixada Ocidental maranhense, nordeste brasileiro (Cunha, 2003). Essa tentativa de se observar a língua em uso, seja em situações quotidianas, seja em manifestações culturais específicas, parece dar conta de uma necessidade atual dos estudos teóricos acerca dos contatos lingüísticos, historiando a constituição do que chamaremos aqui de “português popular”, o qual se esteia ainda hoje na oralidade.

Assim, o presente trabalho se pautará nestas duas fontes de análise: uma toada de Boi, produzida por um membro do quilombo de Damásio, e doze horas de fala espontânea, coletadas ao longo de cinco anos de pesquisa de campo junto à mesma comunidade.

De tal sorte, o objetivo primeiro deste trabalho – o de se lançar uma reflexão sobre a predominância do português no Brasil, mesmo com situações sociais de presença africana superior à dos europeus e indígenas – se justifica, na medida em que traremos dados da língua em uso nestes locais específicos como com-

plementos para reverter a ausência de documentação na Historiografia lingüística africana.

2.1A brincadeira de bumba-boi no Maranhão

The first 'bois' (dance groups) on the island (São Luís) were called "De Zabumba Tambor". Their history developed along side the drum implanted here by the African (Falcão, 19). In time, this style became also identified with the district of Guimarães, once a major slave center, thus giving rise to the expression Boi de Guimarães. (Mukuna [In Béhague], 1994:215).

A escolha de uma toada Bumba-boi de zabumba maranhense, da mesma localidade de Damásio pesquisada por Cunha (2003), permite aqui exemplificar usos locais da língua portuguesa. E nos faz penetrar o universo cultural das "brincadeiras de Boi", que se renovam ano a ano em louvor a São João, nos meses de maio, junho e julho.

As toadas cantadas são a vertente mais dinâmica da tradição oral do Boi maranhense, são renovadas ano após ano pelos Amos cantadores e seus parceiros, que encontram sempre maneiras diferenciadas de contar – cantar – os passos da história aludindo a situações presentes. E essa alusão toma caráter de crítica social, seja através de metáfora poética, seja através de reivindicação aberta. (Bueno, 2001, p. 69)

A atuação desses Amos cantadores [os Cabeceiras], comparável à dos trovadores e jograis do Ocidente medieval e à dos *griots* ou *dielis* do centro-oeste africano, catalisa vozes dissonantes, pontos de vista antagônicos a serem apresentados à classe dominante em forma de arte e religiosidade.

É uma arte social das metáforas a que a crítica do romance moderno não se familiarizou, como se não fizesse parte dos fundamentos da literatura escrita.

Com o abismo de classe entre o “erudito” e o “popular”, poéticas não-literárias brasileiras de grandes qualidades artísticas seguiram seu caminho, até hoje, e só agora passaram a ser consideradas propriamente como fontes fundamentais de temas para a produção cultural e artística. “pós-Modernista”.

Em Damásio a presença de Valmir Goulart como Cabeceira do Bumba-boi é marcante, algo que se renova no decorrer do ano em sua atuação como professor de Capoeira entre os jovens dessa área remanescente de quilombo, já que ele tem criado e cantado no Bumba-boi toadas de protesto e contestação da ordem social que transparecem uma conscientização crescente entre as gerações atuais de moradores das terras de preto. Aqui, então, o exemplo cantado vale como expressão do falar local e ainda como expressão do contexto cultural.

Vejamos a toada intitulada *Protesto* (2001):

*Minha assistência querida, por favor prestum atenção
Eu vô tratá de um assunto, vejam se eu tenho razão
Porque sô um brasileiro e amo de coração.*

*No mundo do futebol somos tetra-campeão
Enquanto a nossa pobreza passando decepção*

*Não tem emprego po pobre pra tirá seu ganha-pão
Quando atrasam suas conta inda passum por ladrão.*

*Eu já cansei de assistí passá na televisão:
Os índio são espancado, vejam só que humilhação
É dos primeiro habitantes que existiu nesta nação!*

As riqueza do país tão todas privatizada

*Prestum atenção no assunto, escutam minha toada,
Se antes tínhamos tudo, agora não temos nada
Porque até a Amazônia está sendo toda queimada!*

*Eu sô contra isso, meu povo! Vejam se eu tenho razão...
Eu sô contra isso, meu povo! Vejam se eu tenho razão...
É que o preconceito tomou conta da nação
Brasil fez quinhentos anos, meiora não se vê não.*

Vale refletir que a língua na toada cantada não é sempre a da fala coloquial, há seleção de termos e concordâncias, com um cuidado antes de tudo poético. Porque se sabe que aquilo que é cantado vai ficar, diferente do que se fala de maneira fugaz. Podemos reencontrar aqui, sobre o uso da toada, a visão de mundo tão freqüente na África, da fixação pelo canto. Talvez o papel exercido pela escrita tenha sido largamente satisfeito na África tradicional com o canto em suas variadas formas coletivas e individuais. O que está cantado está para ser lembrado, também entre os afro-brasileiros. Talvez a memorização e comparação de versões cantadas entre esses grupos, inclusive os que vieram ao Brasil, estabeleceu toda uma ciência da oralidade que nós apreendemos tardiamente, após muitos anos de desaprendizagem através da escolarização excludente. Agora despertamos para esses recursos, para uma abordagem lingüística.

2.2 - A língua em uso nas terras de preto

Tendo sido formado na oralidade, o português popular deverá ter uma metodologia de trabalho para a observação de sua constituição distinta daquela utilizada para a norma culta da língua.

...vejo como uma vertente de pesquisa essencial para a recuperação da história do português popu-

lar brasileiro o estudo vertical de suas variedades, não só as urbanas, como vem sendo feito pela Sociolinguística, mas nas variedades rurais de todo o Brasil, conectando os usos do presente com a história das comunidades, especialmente aquelas que têm um passado profundamente marcado pela presença africana e afro-brasileira (Mattos e Silva, 2002:457).

Para além dos conceitos teóricos, o trabalho trará exemplos de estruturas do português popular do Brasil falado em Damásio, que resultam de processos de mudança induzidos pelo contato entre línguas, sem fazer dessa variedade linguística uma língua crioula, ou mesmo uma variedade linguística independente de sua língua alvo, o português padrão. Vejamos os exemplos fonéticos e morfossintáticos levantados na fala da comunidade de Damásio:

Marcas Fonéticas:

- Ausência de /e/ e /r/ finais:

milhará (milharal); *quintá* (quintal)

fumá (fumar); *cuidá* (cuidar)

Aqui, as ocorrências foram grafadas com acento agudo na sílaba final para evitar dúvidas quanto à pessoa do discurso, pois existem casos, no *corpus* sob análise, em que os informantes se utilizam da forma verbal de 3ª pessoa para indicar ações de 1ª pessoa.

- / posvocálico → /r/

carçado (calçado)

vortá (voltar)

- /r/ posvocálico → /l/

galça (garça); *calvão* (carvão); *galfo* (garfo)

- /z/ → /j/

“quaji” (quase)

- síncope

pra (para); *d'um* (de um)

- redução de ditongo

oy → o : 'lora (loira)

ow → u : 'uvi (ouvi)

ōwn → o: 'co's', 'co' (com o)

- l → y

atrapaia (atrapalha); *baruiu* (barulho)

Palatalização Progressiva

Mutchiu (muito)

Tchou (teu)

Que a audiência do teu programa se aumente muito mais

Marcas Gramaticais:

Algumas marcas gramaticais observadas na língua em uso no quilombo de Damásio podem ser verificadas, corroborando o levantamento feito por Lucchesi (2001) nestes mesmos contextos:

(i) perda, ou variação no uso, de morfologia flexional e palavras gramaticais;

(ii) alteração dos valores dos parâmetros sintáticos em função de valores não marcados, que não implicam, entre outras coisas, em movimentos aparentes na estruturação da sentença; e

(iii) gramaticalização de itens lexicais para preencher as lacunas na estrutura linguística.

➤ A variação na concordância verbo-nominal e de gênero.

Tal variação atinge, em algumas comunidades remanescentes de quilombos, todas as seis pessoas do verbo, o que indica que o nível de erosão da morfologia verbal provocada pelo

processo de transmissão lingüística irregular pode ter sido muito profundo em alguns contextos sócio-históricos brasileiros:

(1) *Eu faz desse tapetinbo de retáio, pá vendê*” (Ira:231 C1 M)

(2) *Eles quero acabar com os colégio tudinbo, porque ele tá tirano os professori* (Jos:621 G3 H)

Em (3), um exemplo de variação na concordância de gênero, que se observa apenas nas “terras de preto”:

(3) *Então são esses, que são esses **pessoa religioso*** (Jos:351 G3 H)

Observa-se ainda que, no que diz respeito às marcações número pessoais, estas se fazem, nesta variedade de língua, de forma distinta daquelas observadas tanto em português padrão quanto na sua variedade popular. Vejamos exemplo de Damásio (retirado da toada antes mencionada) e duas versões possíveis do mesmo enunciado nas variedades padrão e popular da língua:

(4) É dos primeiro habitantes (índios) que existiu nesta nação!

(4a) Português padrão: É dos primeiros habitantes que existi[ram] nesta nação

(4b) Português popular: É dos primeiro habitante que existiu nesta nação.

Pode-se observar, assim, que a marcação de número, que ocorre em todos os segmentos na variedade padrão da língua, tende a ocorrer somente no primeiro segmento, quando em sua variedade popular (Scherre:2002). Já na variedade do PB falado em terras de preto, temos a marcação de número de for-

ma distinta: ela se dá no início e final do SN (sintagma nominal), deixando o elemento interno sem marcação.

➤ Eliminação das marcas flexionais do subjuntivo:

(3) *Talvez o Walmir vai na zangania amanhã* (Alt:482 F2 M)

(4) *Meus menino quer que eu durmo com eles* (Ame: 329

D2 M)

➤ Reduplicação do pronome pessoal

(5) *Então, desses daí (batom) que eu vendia, Stela, pra mim eu ganhar assim besteira...* (Ira: 745 C1M)

➤ Descompasso entre formas temporais

(6) *Foi lá que tem o Pastor, na Aruoca* (Ang:523 B1M)

➤ Ausência de conectivos

(7) *Ah, já depois de (o) negócio que (a) terra entrô na reserva, milhorô"* (Jos: 520, G1 H)

(8) *Helena, por favor, quero pra ti me ajudar.* (quero que me ajude) Toada de Boi (Walmir Goulart).

Assim, os fatores sociais e lingüísticos se combinam de uma forma bastante sugestiva no sentido de que o contato entre línguas tenha desempenhado um papel relevante na história da língua portuguesa no Brasil.

Os exemplos cantados e os falados coloquialmente, numa mesma comunidade afro-descendente, têm pequenas diferenças e grandes coerências. Somada a análise lingüística na referência sincrônica e diacrônica, ressalta-se a historicidade da presença lingüística afro-descendente, em falares cotidianos e criações artísticas já tradicionais.

O Bumba-boi de Zabumba é uma arte tradicional local que reflete, desde o plano lingüístico até a narrativa e a música, conhecimentos próprios sobre os contatos entre povos. É interessante ressaltar, aqui, que estes Bois da região de Guimarães

têm uma característica que os distingue de outros bois maranhenses e brasileiros: a criação a cada ano de uma nova história teatral para ser encenada pelos personagens que representam os anti-heróis pretos, Pai Francisco e Catirina. Estes personagens às vezes surgem às voltas com Pajés e Tapuios Guerreiros, personagens de referência indígena, e também às voltas com um Pastor ou Pescador ou Vereador, pessoas que querem levar vantagem.

As relações entre personagens diferentes apresentados pelos Bumba-bois seguem um padrão coeso de representação e discursivização, mesmo com suas variações. A colaboração inter-étnica narrativizada e atualizada ludicamente fornece um modelo de compreensão das relações sociais no Brasil. O boi é reconhecido pelos afro-descendentes, que tradicionalmente já sabiam de sua simbologia de vitalidade e de seu poder de ocupação territorial, como um dado civilizatório no Brasil. A “brincadeira de Boi” fornece interpretações metafóricas de como o país foi formado nos moldes de colônia mercantilista, vasta fazenda de exploração pela metrópole, palco de injustiças e convivência da elite local.

A “brincadeira” aponta, finalmente, para a associação dos chamados “povos de cor” que compuseram e compõem a massa trabalhadora brasileira, com experiências de reconhecimento de semelhanças culturais e narrativas. Povos indígenas e afro-descendentes então, aproximados e antagonizados pela colonização ibérica, puderam muitas vezes conceber interpretações conjuntas do processo histórico em que se viam envolvidos. Essas interpretações foram ampliadas por sua descendência cultural e transmitiram-se naqueles lugares sociais reservados à devoção, ao folclore e às artes regionais. Longe de terem sido perdidas, essas formas lúdicas e artísticas seguem seus caminhos também por bairros de metrópoles como São Paulo e São Luís, dialogando com a cultura de massas, inspirando

esforços de criatividade e reinterpretação dos valores estabelecidos como hegemônicos.

(BUENO 2001, p. 196-7)

Na mesma direção segue a língua, cujas transformações obedecem a um processo de contato intenso e de transformação constante. Também longe de terem sido perdidas, as multiplicidades lingüísticas se reinterpretaram, não deixando de existir e de dialogar com as demais variedades da língua nacional.

REFERÊNCIAS

- ALKMIN, Tânia M. (2001) – A variedade lingüística de negros e escravos: um tópico da História do Português no Brasil. In: MATTOS e SILVA, Rosa V. (org) *Para a História do Português Brasileiro*. Vol II: Primeiros Estudos. Tomo II. São Paulo, Edit. Humanitas, FFLCH/USP, Fapesp.
- BONVINI, Emilio (2000) – *La langue des “pretos velhos” (vieux noirs) au Brésil. Um créole portugaise d’origine africaine?* Bulletin de la Société de Lingüistique de Paris, Tome XCV, fasc. 1, pp 319-416.
- _____ (2002) – Palavras de origem africana no Português do Brasil: do empréstimo à integração. In: NUNES, J. Horta & PETTER, M. M. T. (orgs) – *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo, Humanitas, Ed. Pontes.
- BUENO, André de P. (2001) – *Bumba-boi maranhense em São Paulo*. São Paulo, Nannkin Editorial.
- CUNHA, Ana Stela A. (2003) – *A atuação do “Parâmetro do Sujeito Nulo” na variedade popular rural do português falado nos quilombos do Maranhão*. Tese de Doutorado, São Paulo, USP.
- EISENBERG, José (2000) – *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno. Encontros culturais, aventuras teóricas*. Belo Horizonte, Editora UFMG.

MUKUNA, Kazadi wa (1994) – Sotaques: Style and Ethnicity in a Brazilian Folk Drama. In: BÉHAGUE, Gerard H *Music and Black Ethnicity – The Caribbean and South America*. North-South Center, University of Miami.

PETTER, Margarida M. T (2002) – Termos de origem africana no léxico do português do Brasil. In: NUNES, J. Horta & PETTER, M. M. T. (orgs) – *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo, Humanitas, Ed. Pontes.